

## A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO CIDADE-CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Caio Mateus de Melo Souza

André Vieira Freitas

**Resumo:** As recentes transformações na dinâmica territorial brasileira levaram à reformulação da relação cidade-campo a partir de um amplo processo de modernização que induziu fenômenos como uma acelerada urbanização, a modernização agrícola e o êxodo rural. Considerando esse processo, o presente texto se volta para a discussão da importância de compreender e abordar de modo adequado a relação cidade-campo no ensino de geografia na educação básica, tendo em vista o contexto dos alunos, onde eles vivenciam essa relação cotidianamente na prática. Isto é, a necessidade de pensar o ensino de geografia dialogando com o contexto dos alunos, um imperativo para compreender o espaço geográfico e as especificidades do meio técnico-científico-informacional. Para discutir essa temática e alcançar esse objetivo central, considerando as necessidades do diálogo entre o ensino e a pesquisa em Geografia, busca-se ainda discutir e problematizar a relação entre rural e urbano na dinâmica espacial brasileira e analisar as contribuições da construção dos conceitos para o ensino de Geografia a partir dos elementos do espaço vivido dos alunos. Os aspectos metodológicos partem da análise teórico-conceitual e empírico documental, considerando também a revisão de autores que discutem a temática em questão. Nesse sentido, o texto se divide em três seções: (I) as recentes transformações na dinâmica de uso do território brasileiro e a relação cidade-campo, (II) a relação cidade-campo no âmbito legal e na ciência geográfica e (III) a relação cidade-campo no ensino de geografia: pensar a educação a partir do contexto dos alunos.

**Palavras chave:** ensino de geografia, relação cidade-campo.

**Abstract:** *The recent changes in Brazilian territorial dynamics have led to the reformulation of the relation city-field from a broad modernization process that induced phenomena as accelerated urbanization, agricultural modernization and rural exodus. Considering this process this paper discusses the importance of understanding and addressing adequately the relation urban-rural in geography teaching in basic education in view of the context in the daily lives of students where they experience this relation in practice. That is, the need to think geography teaching context dialoguing with students, an imperative to understand the geographical area and the specific features of the technical-scientific-informational period. To discuss this issue and achieve this central objective, considering the dialogue needs between teaching and research in Geography, we seek to further discuss and problematize the relation between rural and urban in the Brazilian spatial dynamics and analyze the contributions of the construction of concepts for teaching Geography from space elements lived students. Methodological aspects depart from the theoretical-conceptual and documentary empirical analysis also considering a review of authors who discuss the topic in question. In this sense the paper is divided into three sections: (I) the recent changes in the dynamics of the Brazilian territory use and relation city-field, (ii) the relation city-field in the legal context and geographical science and (III) the relation city-field in teaching geography: think education from the student context.*

**Keywords:** *geography teaching, relation city-field, urban, rural.*

## Introdução

Nas últimas décadas, o Brasil passou por profundas transformações que mudaram, por assim dizer, a dinâmica de uso do território, em múltiplas escalas, nacional, regional e local, tanto no campo quanto na cidade. Em um país de origem colonial que, na divisão internacional do trabalho, cumpre o papel de produtor primário, considerando as marcas dessa “herança” que se reproduz na dinâmica espacial brasileira, essas mudanças resultam de um projeto de modernização conservadora que teve como base a perseguição de um modelo urbano industrial que conduziu a um acelerado processo de urbanização, à modernização agrícola e ao fenômeno do êxodo rural, consolidando o Brasil como um país semiperiférico e ajudando a forjar as mais variadas situações geográficas no território nacional, da agricultura moderna à agricultura de subsistência, entendidas como distintos usos do território, de metrópoles que crescem vertiginosamente a cidades médias e pequenos núcleos que ganham expressividade na rede urbana nacional, entendidas na dinâmica territorial e na dinâmica do espaço urbano.

Tornando mais complexa a teia de relações que compõe a dinâmica espacial brasileira, com uma divisão territorial do trabalho que também se torna complexa, esse processo de modernização pelo qual passou o Brasil nas últimas décadas teve profundas implicações no teor das relações cidade-campo, que se modificaram expressivamente.

Em meio a essas profundas transformações, a geografia assume para si o papel de compreendê-las, considerando que seu objeto de estudo é o próprio espaço. E o professor de geografia é convidado a pensar a sua prática docente de uma maneira mais profundo, de modo a dar subsídios para que o aluno compreenda essa dinâmica em uma perspectiva crítica.

Nesse sentido, o presente texto constitui uma reflexão acerca da relação entre o rural e o urbano, entendidos como dimensões da dinâmica espacial, e a relação cidade-campo, compreendidas como dimensões do território, no ensino de Geografia na educação básica.

Tal reflexão parte da necessidade de um maior diálogo entre a produção acadêmica teórico-conceitual no âmbito da ciência geográfica e a prática docente em geografia, enquanto disciplina na educação básica, contribuindo, nesse sentido, para a formação do professor de geografia. Ademais, considerando as transformações recentes que indicam a manifestação do meio técnico-científico-informacional na cidade e no campo, o texto justifica-se também pela necessidade de uma visão integrada do rural e do urbano para a compreensão da dinâmica espacial e para os desafios de tal abordagem em sala de aula.

Nesse sentido, o objetivo geral é o de discutir a relação rural-urbano no ensino de geografia de modo contextual, a partir do diálogo com a realidade dos alunos. Para tanto, busca-se, como objetivos secundários, discutir e problematizar a relação entre rural e urbano na dinâmica espacial brasileira e analisar as contribuições da construção dos conceitos para o ensino de Geografia a partir dos elementos do espaço vivido dos alunos.

Considerando as necessidades do diálogo entre o ensino e a pesquisa em Geografia, o texto tem como orientações metodológicas, na linha de um referencial teórico e empírico, o levantamento bibliográfico acerca dos conceitos de cidade e campo e rural e urbano no âmbito da geografia, pautando-se em uma abordagem relacional; além de diálogo com autores que discutem a importância da construção dos conceitos geográficos a partir do contexto no aluno no ensino de geografia, e o levantamento empírico documental, com a análise da relação cidade-campo no âmbito legal.

Orientado por tais caminhos metodológicos, o texto se divide em três seções. A primeira se volta para as recentes transformações na dinâmica de uso do território brasileiro e a relação cidade-campo, considerando o processo de modernização logrado no país e as suas implicações geográficas, tendo em vista o acelerado processo de urbanização, a industrialização, a modernização agrícola e o êxodo rural. A segunda seção discute a relação cidade-campo tanto no âmbito legal quanto nas abordagens teóricas na ciência geográfica. A terceira, por sua vez, se volta para a relação cidade-campo no ensino de geografia, buscando subsídios para pensar a educação a partir do contexto dos alunos, o mérito das considerações finais.

### **As recentes transformações na dinâmica de uso do território brasileiro e a relação cidade-campo**

Para falar sobre a relação cidade-campo, assim como sobre a relação rural-urbano, cabe compreender que esses conceitos se relacionam a duas categorias de análise da geografia, espaço geográfico e território, que, na perspectiva adotada neste texto, são conceitos relacionais que indicam a realização da dinâmica espacial, como é possível notar a partir da discussão acerca do território usado.

Segundo Santos (2008, p. 62), há dois elementos básicos inerentes à natureza do espaço geográfico, definidos quando o autor defende que “o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima”. Animando a materialidade, a vida é a sociedade em movimento, o que confere a esse conceito um caráter essencialmente social. Nesse sentido é que o autor conceitua o espaço geográfico como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2008, p. 63). Reconhecendo os nexos entre tais ideias, os sistemas de objetos são a materialidade e os sistemas de ações são o movimento da sociedade. Esses dois sistemas tomados em conjunto, atuando em uma dinâmica unitária, constituem e afirmam a indissociabilidade entre a materialidade e a vida que a anima.

Destacando esses dois elementos, essa perspectiva abre caminho para um entendimento relacional de território. Segundo Haesbaert (2006, p. 55), o território é relacional por “envolver uma relação complexa entre processos sociais e espaço material [...]. Justamente por ser relacional, o território inclui também o movimento, a fluidez, as conexões”.

Destacando as relações de poder, aspecto central na literatura acadêmica acerca desse conceito, segundo Haesbaert e Limonad (2007, p. 42) “o território é uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente, sociedade e espaço geográfico”.

De acordo com Santos, entre os conceitos de território e espaço há umnexo. Segundo o autor: “Ele [o território] se chama *espaço* logo que encarado segundo a sucessão histórica de situações de ocupação efetiva por um povo – inclusive a atual – como resultado da ação de um povo, do trabalho de um povo” (SANTOS, 1986, p. 189, grifo do autor).

Reafirmando essa relação entre espaço e território, Ribeiro compreende que: “Se o espaço é sistema de objetos e ações, o território é a dimensão materializada do espaço e, portanto, onde a dialética materialidade – imaterialidade, sempre presente na ação, apresenta maior concretude.” (RIBEIRO, 2005, p. 96).

Para enfatizar o caráter dinâmico do espaço e sua materialização, cabe recorrer ao conceito de território usado, cunhado por Santos (2005). Se o espaço poderia ser compreendido como o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2008) e o território como a sua dimensão materializada (RIBEIRO, 2005) e um campo de forças (SANTOS, 1999), o território usado, por sua vez, seria a realização constante da dinâmica espacial: o sistema de objetos e ações se efetivando, a sua base material se (re)ordenando. Como destaca Santos (2005, p. 255), “o território usado são os objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado.”

O território usado convida a pensar a dinâmica espacial acontecendo, a sua materialização. Como apresenta Silveira, o território usado é “o território propriamente dito mais as sucessivas obras humanas e os homens na atualidade. É o território feito e o território se fazendo” (SILVEIRA, 2008, p. 3, tradução nossa), isto é, visto como processo.

Essa realização da dinâmica espacial acontece por meio das ações que dão vida aos objetos, ou seja, o uso do território, o qual pode ser entendido de diversas maneiras, acordando com as diferentes ações humanas articuladas em sistema.

O uso do território pode ser definido pela implantação de infra-estruturas, para as quais estamos utilizando a denominação de *sistemas de engenharia*, mas também pelo dinamismo da economia e da sociedade. São os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo, incluídas a legislação civil, fiscal e financeira, que, juntamente com o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do novo espaço geográfico. (SANTOS & SILVEIRA, 2008, p. 21, grifo dos autores).

Como apresentam Gomes, Steinberger e Barbosa (2013, p. 80), “usar o território é igualmente transformar a natureza pelo trabalho. Trabalhando, o homem simultaneamente produz espaço e usa o território. Dessa forma, os usos do território são quaisquer ações humanas que transformam a natureza”.

Considerando essas relações, Steinberger fala sobre alguns pares que indicam “frações” do espaço e do território, entendido como território usado (STEINBERGER, 2006, p. 69). Nesse sentido, para os propósitos deste texto, destacam-se dois pares, rural-urbano e cidade-campo, que, a partir das ideias da autora, podem ser compreendidos, respectivamente, como duas formas conteúdos gerais, pois expressões mais amplas da totalidade, “frações” do espaço, e como formas-conteúdo específicas, como “frações” do território usado. Segundo a autora, “cidade e campo são frações do território usado – usado por atividades industriais, comerciais e agrícolas [...] o espaço urbano e o espaço rural são, respectivamente, os responsáveis por definir formas-conteúdo da cidade e do campo” (STEINBERGER, 2006, p. 73).

Tendo em vista essas reflexões, cabe analisar a relação cidade-campo e a relação rural-urbano a partir da relação espaço-território (usado), o que se mostra empiricamente na dinâmica espacial brasileira e no uso do território.

O Brasil sofreu profundas transformações na dinâmica de ocupação do seu território, impulsionadas pelo processo de industrialização que se desencadeou a partir do decênio de 1930, complementado pelo expressivo processo de urbanização verificado. Esses processos ganharam força nas décadas posteriores e atingiram seu ápice nos anos de 1960 e de 1970, ocasionando, assim, entre outros efeitos, a modernização agrícola e o êxodo rural. Essas transformações modificaram a dinâmica da economia, da ocupação e do uso do território, com a exploração daquelas porções que Moraes (2005) denomina “fundos territoriais”, demonstrada pela expansão

das fronteiras agrícolas e o crescimento de núcleos urbanos já existentes, além do surgimento de novas cidades nessas frentes pioneiras.

Como efeitos dessa metamorfose, na esteira do êxodo rural, houve significativo crescimento demográfico e a migração em massa da população para as cidades em busca de empregos. Como destaca Santos (2005b), nesse período, a urbanização se generaliza e o turbilhão demográfico e a terceirização da economia são fatos notáveis.

Por outro lado, outro fato que ocorreu e ocorre no país mudando a dinâmica das cidades é, ainda de acordo com Santos (2005b), quando o agrícola, e não o rural, sequestra o urbano. Ou seja, grandes, médias e pequenas cidades vivendo em função da produção agrícola, sendo base de atividades terciárias e secundárias, como mercado de máquinas e insumos para a produção ou como abrigo para trabalhadores do serviço manual e/ou científico.

Assim, com a população antes do campo vivendo nas cidades ou com a população urbana vivenciando a dinâmica do campo, com a economia urbana dependendo da rural e vice-versa, é notável um vínculo intrínseco entre o campo e a cidade, entendidos, a partir da discussão de Steinberger, como “frações” do território usado, e rural e o urbano, entendidos como frações do espaço (STEINBERGER, 2009). Logo surge uma relação rural-urbano e esses dois meios deixam de ser antagônicos e se complementam deixando de ser dois mundos distintos (ANDRADE, 1989).

A relação rural-urbano se apresenta na própria dinâmica espacial, materializada em distintos objetos, induzindo distintas ações arranjadas em sistemas solidários e contraditórios (SANTOS, 2008), ou nos distintos usos do território (SANTOS, 2005). Essa relação pode ser contemplada pela ótica econômica, por exemplo quando se analisa a agricultura criando laços entre cidade e campo ou quando se analisa a indústria se materializando também no campo, o que é demonstrado por toda a cadeia produtiva dessas atividades. Pode ser contemplada ainda pelos aspectos imateriais, por exemplo, na cidade, na fala, na gastronomia, nas vestimentas, no lazer, na música, nos valores e princípios morais das pessoas, na cultura em geral. Afinal, pessoas migrantes do campo trazem consigo sua cultura e seus valores, que estão mais presentes no cotidiano do que correntemente se aponta. Ademais, as pessoas do campo, sobretudo com o avanço do meio técnico-científico-informacional, influenciam-se pelos costumes e os valores urbanos, que tendem a se universalizar como modo de vida da sociedade (CARLOS, 2004).

Nos últimos anos, porém, tem-se percebido que os indivíduos estão esquecendo e abandonando a "herança rural" deixada pelos seus pais, avós ou pessoas mais velhas conviventes e dão menos valor ao campo, agindo com um certo preconceito quanto ao rural, o que se relaciona à execução de um processo de modernização pelo qual passou o Brasil, baseado no modelo urbano-industrial (COSTA, 2000). Nesse sentido, o urbano passa a ser identificado como o moderno, o “melhor”. Esse fato é reproduzido e passado para os alunos das escolas na educação básica. Logo, a relação rural-urbano deixa de existir na percepção de alguns alunos.

Contudo, embora não percebida por alguns alunos, alienados das características desse processo, a relação cidade-campo está presente no cotidiano e deve ser ressaltada pelo docente na mediação do processo de ensino-aprendizagem, que deve salientar todo o processo histórico e as características atuais, bem como a materialização dessa relação para o educando, considerando os vínculos com a vida social, educacional e profissional dos estudantes. Destacados esses vínculos, a relação rural-urbano torna-se presente e relevante na visão do aluno, desconstruindo preconceitos em relação ao campo.

O entendimento e o estudo da relação rural-urbano devem ser cautelosamente abordados para os alunos da educação básica, passando pela construção dos conceitos de campo, cidade, rural, urbano e outros conceitos geográficos necessários para o entendimento dos alunos. Deve haver, portanto, uma discussão sobre qual conteúdo e conceito apresentar aos alunos, de forma que tal estudo, alimentado pela discussão teórica, transcenda esse âmbito, para alcançar e destacar a realidade empírica.

### **A relação cidade-campo no âmbito legal e na ciência geográfica**

O rural, o urbano, a cidade e o campo, têm sido objetos de estudo da geografia e de outras ciências no decorrer de suas histórias. Também são termos bastante comuns no cotidiano, com usos e significados distintos. Sendo assim, não há como apresentar uma definição estanque desses conceitos, mas sim uma reflexão sobre cada um deles.

Há séculos existem diferenciações nítidas entre a cidade e o campo, o rural e o urbano. Entretanto, essas diferenciações se reformulam a cada época, e com o passar do tempo, tendem a se romper. Daí a cidade e, sobretudo, o campo assumirem funções diferentes, conforme Endlich (2006). Assim, a divisão entre campo e cidade desaparece fisicamente e, como em alguns lugares do país e do mundo, esses dois meios, indissociáveis, aprofundam as relações entre si.

Essa refuncionalização temporal do campo e da cidade e sua indissociabilidade, tornam a conceituação desses dois meios de vida, o urbano e o rural, mais complexa, criando, assim, mais desafiadora a tarefa de desvendar os seus significados de modo a considerar todos os aspectos relevantes.

Além de distintas interpretações entre os pesquisadores, existe uma variada interpretação na legislação de cada país. No Brasil o Decreto-Lei 311/1938 é o responsável por definir o que é cidade e o que é campo, parâmetro utilizado formalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Entretanto, desde 1988, as prefeituras definem o limite entre o rural e o urbano em seus municípios por meio de lei específica da esfera municipal. Quanto a essa delimitação legal, há várias críticas sobre a forma como o rural e o urbano são caracterizados.

No país, tal discussão é bem significativa desde os anos 1990, tanto no âmbito acadêmico como dos organismos de pesquisas estatais ou sem fins lucrativos. Nesse sentido, no ano de 2004, foi realizado o 5º Congresso Nacional da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, tendo um dos seus debates acerca das transformações do espaço no que tange a relação cidade-campo.

A partir desse congresso, Carlos (2004), apontou uma reflexão teórica bastante clara para o entendimento e a conceituação de campo, cidade, rural, urbano e a relação entre eles. Para a autora, o que diferencia a cidade do campo é o conteúdo das relações sociais neles contidos. Nesse sentido, é possível analisar o urbano a partir das relações existentes predominantemente na cidade como: a diversidade cultural e religiosa entre as pessoas, as relações de trabalho e troca de assalariados de empresas do setor terciário e secundário da economia, o enfrentamento de problemas de mobilidade urbana e moradia, acessibilidade à informação e ao capital financeiro e bancário, constituindo uma lógica de consumo mais pulsante.

Da mesma forma, é possível analisar o rural a partir das relações sociais existentes predominantemente no campo, como as relações de trabalho e troca com grandes latifundiários, as lutas por reforma agrária e acesso à terra, a ligação direta com a agricultura, entre outras.

Contudo não são apenas relações sociais que definem cada um. De acordo com Biazzo (2008), existem ruralidades e urbanidades que são, além do que já dito, origens, heranças, formas e hábitos. Elas marcam a vida e a dinâmica do perímetro citidiano e campestre, ou cidade e campo.

Dessa forma, a cidade e o campo são arenas de disputas de relações sociais que se materializam de modo distinto no território do campo e da cidade. Todavia, como salientado anteriormente, essas relações não são particularidades de cada um, mas se consolidam predominantemente no campo ou na cidade. Então é possível notar ruralidades e urbanidades, em lugares diferentes de sua origem, constituindo frações do espaço interligadas – o rural e urbano.

Diante da complexidade dos conceitos de rural, urbano, campo e cidade o educador deve compreender os estudos sobre o tema e lecioná-los de forma mais didática, não deixando de trabalhar toda a reformulação histórica do campo e da cidade, e também a mistura e invasão das ruralidades e das urbanidades nos outros meios de vida. Então o estudo acerca desse tema torna-se mais complexo, entretanto, não mais difícil.

Considerando a abordagem do tema na educação básica, em muitos casos, o que acontece é que o rural e o urbano são estudados separadamente ocasionando uma abordagem estanque e um aparente antagonismo entre o campo e a cidade, fazendo com que o aluno pense em dois mundos remotos sem nenhuma "ponte" de ligação entre eles. Também ocorre o fato de esse tema ser tratado de forma simplista, ou seja, sem a atenção necessária. Fato esse que não deveria acontecer, porque algumas das relações existentes no campo relacionam-se diretamente a problemas enfrentados na cidade, sendo, em muitos casos a origem desses problemas.

Outro fato problemático é quando não há uma abordagem mais focada no concreto, ou seja, quando se fala de rural e campo para alunos da cidade, ou falam urbano e cidade para alunos do campo abstratamente, sem mesmo recorrer a recursos como imagens, vídeos, relatos, ou fazendo o mais importante, levar o aluno para o trabalho de campo. Essas formas de concretização do estudo, são maneiras de fixar e relacionar o tema estudado com outros temas.

Além desses métodos para estudar o rural e o urbano de um modo mais dinâmica e atrativo, há outro bastante usual e comum, os exercícios e aulas menos expositivas e mais participativas, porém, não são quaisquer atividades e aulas, e sim de uma maneira que ajude o aluno a não decorar conceitos e frases, mas sim fazer o aluno entender o rural, o urbano, o campo e a cidade e fazer ligações desse tema com outros, além de entender sua participação como agente modelador, reformulador, transformador das ações nesses meios, além de ser influenciado por eles, buscando referências implícitas e explícitas no concreto e no cotidiano. Afinal, é para isso que serve o ensino da geografia.

### **A relação cidade-campo no ensino de geografia: pensar a educação a partir do contexto dos alunos**

A relação existente entre o rural e o urbano, assim como entre o campo e a cidade, no entendimento de alguns alunos, é inexistente. Embora seja um fato social que se materializa no território, essa realidade pode acabar não sendo percebida pelos alunos. Esse pensamento, muitas das vezes, é criado no lar, trazido para o ambiente escolar e acaba se reproduzindo entre os alunos, no seio do senso comum. No entanto, cabe ao educador fazer com que os estudantes a percebam, por meio do senso crítico.

Então, para fazer com que os educandos entendam e conheçam tal relação, é necessário fazer a introdução dos conceitos inerentes. Para tal fim, o professor deve questionar e argumentar sobre o tema, fazendo uma espécie de diagnóstico sobre como o assunto e a sua abordagem a partir da vivência de cada estudante. O intuito é contribuir para a construção dos conceitos e da relação cidade-campo. Sendo assim, não se pode trazer conceitos tão complexos sem esse trabalho inicial, mas sim dar subsídios para que os alunos, guiados pelo educador, cheguem a definições acerca desses conceitos, isto é, que o aluno os construa tendo em vista a sua experiência no cotidiano em sociedade, o seu espaço vivido e o seu território usado. E como o conceito de cidade e urbano, assim como o campo e rural, são usados no cotidiano divergentemente de seu verdadeiro significado, é necessário explicar e ressaltar a diferenciação entre eles.

Por sua vez, como já salientado, a relação rural-urbano, campo-cidade não costuma ser percebida pelos alunos, propõe-se apropriar-se desse ‘problema’ como uma ferramenta didática, isto é, que, em um primeiro momento, exponha-se campo e rural, cidade e urbano separadamente. Feito isso, é preciso realizar breves exercícios intelectuais, orais e dinâmicas formados por exibição de imagens e perguntas aos alunos sobre ruralidades e urbanidades em seus distintos meios e o porquê da economia e da sobrevivência dos habitantes da cidade necessitar da produção do campo e vice-versa.

Tal atividade, poderá contribuir para despertar a percepção da relação cidade-campo e urbano-rural e iniciará a desconstrução do preconceito sobre o rural, tido como atrasado pelos alunos habitantes da cidade. Assim, é necessário continuar explanando para enriquecer o entendimento, então deve haver a exposição de elementos materiais e imateriais – ruralidades e urbanidades – que circulam no meio distinto de sua construção. Também deve-se trazer exemplos do cotidiano de cada aluno para que o tema não se torne apenas abstrato, mas atinja também o real concreto.

Outro passo fundamental, é o uso de materiais didáticos para auxiliar a abordagem do tema. Pois livros didáticos e as novas tecnologias do ensino, auxiliam bastante na elucidação do que está sendo trabalhado pelo o professor e os alunos em sala de aula. O uso desses apetrechos é indispensável, contudo deve sempre existir a renovação dos meios e da forma como serão seus usos para o ensino.

O livro didático sempre foi um instrumento importante do processo de ensino-aprendizagem nas escolas. Mas, nos últimos anos, com o advento de novas tecnologias, ele perdeu parte de sua importância e começou a ceder lugar a essas tecnologias como: projetores de vídeos e imagens, aparelhos de informática, aparelhos de som e ainda aplicativos de *smartphones* e *tablets*.

Essas tecnologias, além do livro didático, fazem com que o conteúdo estudado pelos alunos se torne mais atrativo, de modo que os alunos consigam absorver melhor o que foi discutido em sala de aula.

Para lecionar sobre a relação intrínseca do rural e do urbano, elas também ajudam bastante, pois são utensílios para exibir o meio diferente daquele onde se situa a escola, no campo ou na cidade, uma vez que, alguns alunos nunca conheceram o outro meio. Para isso, pode-se fazer a exposição de imagens da cidade ou do campo, de mapas que mostram o fluxo de mercadoria ou pessoas entre o campo e a cidade, músicas sobre o cotidiano da vida nesses meios, vídeos que mostram a rotina de seus habitantes, entre outros recursos.

O mais curioso é que essas tecnologias não servem apenas para expor conteúdos, elas também podem ser usadas nos exercícios realizados em sala de aula ou em casa, que são excelentes formas de fazer com que os alunos entendam o que foi estudado, além de serem formas de avaliar como os alunos absorveram o que foi lecionado. Contudo, os exercícios sobre rural, urbano, campo, cidade e a relação que ocorre entre si, assim como exercícios de outros conteúdos da geografia e de outras disciplinas, merecem um certo cuidado em seu preparo e forma de aplicação pelo fato de cotidianamente serem usados de forma equivocada e, no caso da relação desses meios, se tornarem inexistentes para alguns alunos.

Assim, com a possibilidade do uso de novas tecnologias nas tarefas, tais exercícios necessitam de uma forma especial de aplicação e criação. Deve-se deixar de aplicar e criar apenas exercícios “tradicionais” que apenas questionam o significado de cada conceito, fazendo com que o educando apenas decore e não interprete o assunto estudado, e sim realizar deveres que façam com que o aluno, além de entender o significado do conceito, entenda o que é cada conceito, como foi criado, suas diferenciações em relação a outros conceitos e façam com que o aluno consiga aplicá-lo ao seu cotidiano. Da mesma forma, levar os alunos para acessarem à internet em busca de vídeos, músicas ou imagens e para fazerem uma breve pesquisa escrita sobre a relação do campo e da cidade ou pedir para que eles tragam de casa, fará os alunos refletirem sobre o tema consolidando o assunto na mentalidade deles.

Logicamente, tais exercícios só terão êxito em sua aplicação se o conteúdo referente a essas lições for transmitido cautelosamente, explicando suas epistemologias e suas atuais abordagens, bem como inseri-lo na realidade dos estudantes, como defendem Castellar et al (2010).

Não basta tratar a relação cidade campo de forma abstrata e tradicionalmente, pois os alunos devem perceber a existência de tal relação e entender a importância dela para sua vida, bem como entender o seu papel como agente atuante desses meios. Então, o professor não deve fazer o aluno decorar o conteúdo, mas sim mostrar qual a utilidade para o cotidiano do aluno e contribuir para que o aluno entenda o mundo em que ele vive.

### **Considerações finais**

Implicadas na dinâmica espacial, as relações cidade-campo e rural-urbano, apontam para a relação espaço-território. Logo, para compreendê-las, é necessário abordar a dinâmica dos usos do território brasileiro. Afinal, as distintas atividades na cidade e no campo indicam usos do território que se relacionam e denotam o teor das relações entre o espaço rural e o espaço urbano, que tendem a intensificar-se cada vez mais no período atual.

As recentes mudanças na dinâmica territorial brasileira levaram a profundas mudanças na relação cidade-campo, relacionadas a processos como a acelerada urbanização, a modernização agrícola, o êxodo rural, a metropolização, a proliferação de cidades médias e pequenos núcleos urbanos pelo país. Essas mudanças trazem grandes desafios para os pesquisadores no âmbito das ciências humanas ou sociais, como a geografia.

Na perspectiva do território usado, todos os agentes e atores devem ser considerados como “usuários” do território, incluindo os alunos, como partícipes da produção do espaço, e são eles que, animando a materialidade, dão vida aos objetos, produzem as ações, que denotam o teor

das relações cidade-campo, quando se pensa no território usado, na produção do espaço urbano e rural, que se relacionam cada vez mais.

Nesse sentido, os desafios que se apresentam diante das mudanças no teor dessas relações e dos processos desencadeados, além de serem superados no âmbito teórico, devem ser enfrentados no âmbito do ensino. Um caminho para uma compreensão adequada desses conceitos, dessas relações e desses processos é uma maior integração entre os conceitos científicos (o âmbito acadêmico) e a prática docente na educação básica (o âmbito escolar). Um caminho para tanto é uma apropriação profunda da discussão teórico-conceitual da ciência geografia e uma leitura crítica da realidade além de, principalmente, a construção desses conceitos no ambiente escolar a partir do contexto dos alunos, do espaço vivido do cotidiano, onde essas relações cidade-campo e rural-urbano se manifestam na prática.

## Referências

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica**. São Paulo: Atlas, 1989, 12º ed.
- BLAZZO, Pedro Paulo. Campo e Rural, Cidade e Campo: Distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária. **4º Encontro nacional de grupos de pesquisa – ENGRUP**, São Paulo, pp. 132-150, 2008.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A questão da cidade e do campo: teorias e política. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 3, nº 5, 2004.
- COSTA, Wanderley Messias da. **O Estado e as políticas territoriais no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000, 9. ed.
- CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino da geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e rural. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. **Cidade e Campo: Relações e Contradições entre o urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- GOMES, Maiara da Silva; STEINBERGER, Marília; BARBOSA, Renan Paixão. O potencial político da categoria ‘território usado’. In: STEINBERGER, Marília. (Org.). **Território, Estado e políticas públicas espaciais**. Brasília: Ler Editora, 2013. p. 65-87.
- HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton *et al.* **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006 [2002], p. 43-70.
- HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Etc..., espaço, tempo e crítica**. N.º 2(4), vol. 1, 2007, p. 39-52.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território e história no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: RIBEIRO, Ana Clara Torres et al. **Formas em crise: utopias necessárias**. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 2, 1999 p. 15-26.

\_\_\_\_\_. O retorno do território. In: OSAL: **Observatorio Social de América Latina**. Ano 6 no. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em < <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf> >, acesso em 01/11/2009.

\_\_\_\_\_. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005b, 5.ed.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2008. 12. ed.

SILVEIRA, María Laura. Globalización y territorio usado: imperativos y solidaridades. **Cuadernos del CENDES**, Caracas, ano 25, n. 69, p. 1-19, 2008. Disponível em < <http://www.scielo.org.ve/pdf/cdc/v25n69/art02.pdf> >, acesso 06/06/ 2010.

STEINBERGER, Marília. Território, ambiente e políticas públicas espaciais. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Território, ambiente e políticas públicas espaciais**. Brasília: LGE Editora e Paralelo 15, 2006. p. 29-82.